



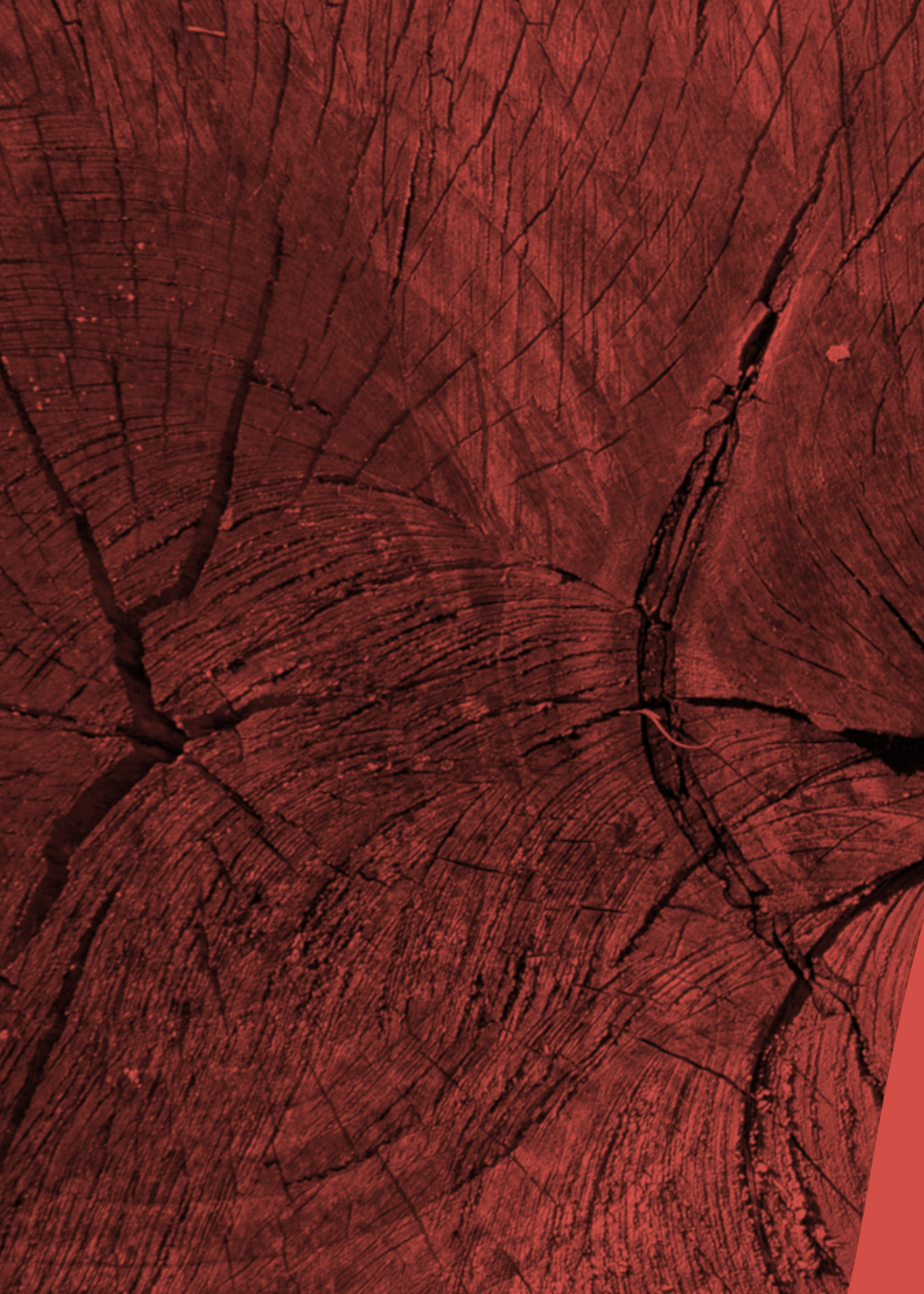
prêmio **abca**
2024

SUMÁRIO

5	Prêmio ABCA 2024
6	Palavra da presidente
8	Troféu Coletivo Kókir
10	Sobre o Coletivo
11	Premiados nas categorias
25	Premiados em destaques regionais
31	Homenagens
36	Diretoria 2025-2027



abca



Prêmio Abca 2024

O Prêmio ABCA 2024 reconhece artistas visuais, curadores, críticos, pesquisadores, gestores e instituições culturais que mais se destacaram no circuito artístico nacional ao longo do último ano. Criado em 1978, é uma das principais iniciativas da Associação Brasileira de Críticos de Arte em prol do fortalecimento da cultura em nosso país. Nesta edição, além dos reconhecimentos em 18 categorias, concedemos menções honrosas a quatro personalidades pela relevância de suas trajetórias, e celebramos ainda uma quinta menção especial.

O troféu do Prêmio ABCA 2024 foi concebido pelo Coletivo Kókir, uma escolha que valoriza a pluralidade artística, o território e a autoria compartilhada.

Vamos juntos celebrar a arte e a cultura brasileira!

Palavra da Presidente

A cada edição do Prêmio ABCA, reafirmamos nosso compromisso com a valorização da crítica, da pesquisa e da produção artística que refletem a diversidade e a força criativa do Brasil. É um momento de encontro, de reconhecimento e, sobretudo, de diálogo entre diferentes vozes que constroem os caminhos da arte em nosso país.

No entanto, sabemos que este cenário é atravessado por desafios urgentes: a precarização das instituições culturais, a fragilidade dos acervos, a descontinuidade de políticas públicas e a desvalorização da crítica de arte. Nesse contexto, a ABCA entende este Prêmio como um gesto de resistência e de cuidado, um modo de reafirmar a importância do pensamento crítico e do trabalho de artistas, pesquisadores, curadores e gestores que mantêm viva

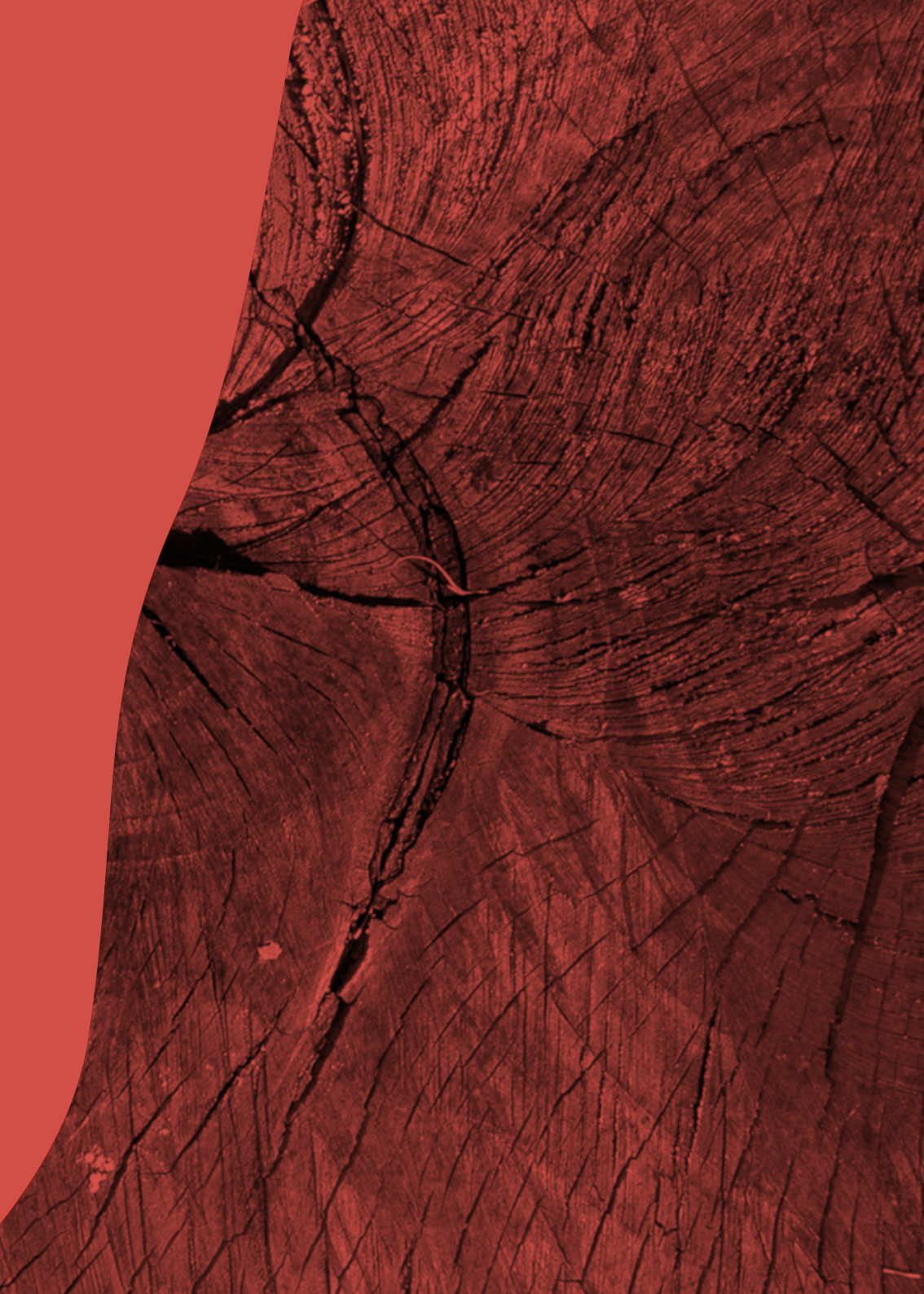


a complexidade do campo artístico brasileiro.

Que este encontro nos inspire a seguir atentos e atuantes. Reconhecer e premiar é reafirmar a necessidade de preservar memórias, sustentar debates qualificados e criar condições para que a arte siga sendo um espaço de invenção, liberdade e reflexão.

Alessandra Simões Paiva

Presidente da ABCA
(2025 a 2027)



Troféu Coletivo Kókir

Premiação ABCA 2024 e Menção Honrosa

Troféu aos premiados

Coleção Jógnam (Mordida em Kaingang) (2025), Coletivo Kókir: Tadeu Kaingang, Sheilla Souza e comunidade Kaingang da Terra Indígena Ivaí (PR), trançado Kaingang com fita sintética e alumínio fundido, 21 x 22 x 3 cm.

A coleção de objetos Jógnam foi feita pelo Coletivo Kókir em 2025, a pedido da ABCA. Formado por Tadeu Kaingang e Sheilla Souza, o coletivo criou as peças juntamente com indígenas Kaingang da comunidade do Ivaí (PR), hospedados na associação indigenista - ASSINDI, que os acolhe em Maringá (PR), quando vêm para a cidade vender sua cestaria. As formas e trançados presentes no troféu fazem parte da cultura Kaingang, sua cosmovisão, além de apresentar referências complementares na simbologia Kamé e Kainru.



@coletivokokir

A mordida é um conceito chave para o coletivo Kókir, palavra Kaingang que significa fome. Essa fome não é apenas a que atormenta as comunidades indígenas, desprovidas de suas formas originárias de ocupação dos territórios, mas a fome de vida, de ancestralidade e reconhecimento das identidades indígenas.

Gravura para as Menções Honrosas

Coleção Mordidas (2025),
Coletivo Kókir: Tadeu Kaingang,
Sheilla Souza e comunidade da
Terra Indígena Ivaí (PR), gravura
com pigmento mineral sobre
papel algodão em caixa de
acrílico, 21 x 30 x 5 cm.

A série é composta por cinco gravuras feitas com impressão mineral em papel algodão, inseridas em uma caixa de acrílico. As gravuras são uma montagem de fotografias de objetos criados pelo Kókir e a comunidade Kaingang do Ivaí no período de sua permanência na ASSINDI. Esses objetos são fruteiras feitas com grades de ventilador encontrados na cidade pelos indígenas que trançam sobre eles com fita sintética, transformando-os em fruteiras. A representação da mordida nas grades instiga uma reflexão sobre a questão da fome.



@coletivokokir

Sobre os artistas

Formado pelos artistas Tadeu dos Santos Kaingang e Sheilla Souza, o Coletivo Kókir apresenta em suas criações questões relacionadas às culturas indígenas na contemporaneidade. Kókir significa fome na língua Kaingang. Tadeu e Sheilla atuam no curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e são membros da Associação Indigenista – ASSINDI – Maringá (PR).

O diálogo entre arte, cidade e povos indígenas configura-se em diferentes meios, como instalações, pinturas, objetos, fotografias, vídeos, performances e publicações. Os trabalhos realizados pelo coletivo buscam a reflexão sobre a importância dos saberes indígenas em interações com grupos, comunidades e artistas indígenas e não indígenas.



@coletivokokir

O coletivo Kókir é uma força criativa que celebra a arte, o território e a autoria compartilhada. Transforma a arte em meio de resistência e reconexão, honrando as identidades indígenas e abrindo caminhos para o "bem viver". Esse é um convite ao encontro com o sagrado, um rezo contínuo que harmoniza o presente com a ancestralidade, e os seres com a terra e o céu.

Premiados

2024

PRÊMIO GONZAGA DUQUE

Crítico/a associado/a por sua atuação ou publicação de livro

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA

Doutora em Artes Visuais pela ECA-USP e possui pós-doutorado na mesma área pela UNESP. Mestre pela ECA-USP e bacharel e licenciada em História pela FFLCH-USP, atua como crítica de arte e curadora independente. Atualmente, é professora na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e no CELACC (ECA-USP) e pesquisadora do Centro Mario Schenberg de Documentação e Pesquisa em Artes. É membro da Associação Internacional de Crítica de Arte (AICA) e colabora com diversas publicações, como o Jornal da USP e a Revista DasArtes.

Além disso, é editora de Arte/História na Revista Arte & Crítica e autora dos livros "Schenberg: Crítica e Criação" (EDUSP, 2011) e "Memória da Resistência" (MCSP, 2022).



© Elaine Maziero

PRÊMIO MÁRIO PEDROSA

Destinado a artista contemporâneo

PAULO NAZARETH

Homem velho nascido em Borun Nak [Vale do Rio Doce] Minas Gerais, e vivendo como um nômade global, a obra de Paulo Nazareth é muitas vezes resultado de gestos precisos e simples, que trazem ramificações mais amplas, sensibilizando para questões ligadas à imigração, racismo e colonialismo. Embora seu trabalho possa se manifestar em vídeo, fotografia e objetos colecionados, seu meio mais forte é o cultivo e construção de relacionamentos com indivíduos que cruzam o seu caminho - especialmente aqueles colocados à margem devido ao seu status legal ou reprimidos pelas autoridades governamentais.



© Cortesia do artista e Mendes Wood DM

PRÊMIO CICCILLO MATARAZZO

Destinado a personalidade
atuante no meio artístico

LUISA STRINA

Fundou a galeria que leva seu nome em São Paulo em 1974. A Luisa Strina representa quarenta artistas brasileiros e internacionais, introduzindo novas gerações de artistas e mantendo parcerias de várias décadas. Privilegiando o conceitualismo sobre a estética, a galeria inseriu obras nas coleções de instituições como o MASP – Museu de Arte de São Paulo; MoMA – Museu de Arte Moderna, Nova York; Tate Modern, Londres; Reina Sofia, Madri; Centre Pompidou, Paris; e Coleção Pinault, em Paris e Veneza; seus artistas já participaram da Bienal de Veneza e da Documenta, em Kassel.



© Victor Venâncio MoriYama

PRÊMIO MÁRIO DE ANDRADE

Destinado a crítico/a de arte pela trajetória

FABIO CYPRIANO

É livre docente em Arte e Comunicação pela PUC-SP com pós-doutorado pela USP sobre A Bienal e a elite de São Paulo. É diretor da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC-SP, onde atua na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, na especialização em Arte: Crítica e Curadoria e na graduação.

Foi crítico na Folha de S. Paulo (2000 a 2019), e escreve para ARTE!Brasileiros. Colaborou com publicações como Bravo! e Zum, no Brasil, Connaissance des Arts (França), Frieze (Inglaterra), Flash Art (Itália) e The Art Newspaper

(Inglaterra), Atlántica (Espanha). É coorganizador de Artes e Práticas Culturais (EDUC, 2024), Histórias das Exposições: Casos Exemplares (EDUC, 2016), e autor de Pina Bausch (SESC, 2018), entre outros. Escreve para catálogos e livros como Retomadas (Expressão Popular, 2025).



© Arquivo pessoal / Divulgação

PRÊMIO SÉRGIO MILLIET

Pesquisador, associado ou não,
por trabalho de pesquisa publicado

CARLOS TERRA

É Professor Titular da Escola de Belas Artes/Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador PQ-2 do CNPq. Seu livro *Parque Lage: uma história de contrastes* (Rio Books, 2024) tem como ponto de partida o estudo dos jardins no Brasil, visitando a história dos espaços ajardinados italianos, franceses e ingleses. Seu objetivo principal é resgatar a história do Parque Lage, localizado no bairro Jardim Botânico, na cidade do Rio de Janeiro.



© Marcos Cadena



PAULO BRUSCKY

(n. 1949, Recife, Brasil) é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e trabalhos em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da sua postura crítica e militante, em parte concebida em contestação à ascensão de governos militares e o consequente

estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, durante um período que coincidiu com o início de sua trajetória.

Bruscky iniciou sua pesquisa no campo da arte conceitual nos anos 1960, participando, no final da década, do movimento poema/processo, por meio do qual estabeleceu contato com Robert Rehfeldt, membro do grupo Fluxus. Introduzido por Rehfeldt ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. A partir de então, desenvolveu intenso diálogo com diversos artistas, principalmente os membros dos grupos Fluxus e Gutai, além de vários nomes da América Latina e do Leste Europeu – regiões com as quais o artista procurou privilegiar o contato, devido ao intenso processo de repressão política que os caracterizava na época. Grande parte de sua produção questiona as próprias funções da arte e as operações de seu sistema.



© Flavio Freire

MARIA JOSÉ JUSTINO E FABRICIO VAZ NUNES

Trilhos e Traços – Poty 100 anos, Museu Oscar Niemeyer - MON, Curitiba

Em celebração ao centenário do artista curitibano Poty Lazzarotto (1924–1998), a mostra "Trilhos e Traços – Poty 100 anos", realizada pelo Museu Oscar Niemeyer (MON), reúne aproximadamente 500 obras, na Sala 6. A exposição apresenta um recorte da doação de 4,5 mil peças pela família do artista ao Museu, em 2022. Com curadoria de Maria José Justino e Fabricio Vaz Nunes, a mostra reúne desenhos, gravuras e murais, organizados em torno de nove núcleos temáticos presentes

na trajetória artística de Poty, representativos das suas diferentes facetas: o Narrador, o Trabalho, o Xingu, o Sagrado, a Guerra, o Cotidiano, o Viajante, o Muralista e o Retrataista.



© Antônio More

MUSEU DE ARTE DO RIO (MAR/RIO DE JANEIRO)

Inaugurado em março de 2013 como um espaço dedicado à arte e à cultura visual, o Museu de Arte do Rio (MAR) tem como principal objetivo a convergência entre educação e arte. Ao lado do Programa de Exposições e das suas Coleções, a Escola do Olhar assume um papel fundamental como polo de pesquisa, produção e disseminação de conhecimento da instituição. Hoje, o MAR é mais do que um museu, é uma escola; e mais do que uma escola, é um museu. Ao longo dos últimos doze anos, o MAR tem recebido mais de 4 milhões de visitantes, tornando-se um espaço de referência para apreciadores da arte e cultura.

Nessa primeira década, o museu promoveu a inauguração de 100 exposições de destaque em seu espaço museológico. Seu acervo é vasto com mais de 37 mil itens, entre obras de arte, documentos, fotografias, objetos históricos, livros de artista e livros raros, livros correntes, entre outros.

O MAR é um museu da Prefeitura do Rio, e a sua concepção é fruto de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura e a Fundação Roberto Marinho. Em janeiro de 2021, o Museu de Arte do Rio passou a ser gerido pela Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) que, em cooperação com a Secretaria Municipal de Cultura, tem apoiado as programações expositivas e educativas do MAR através da realização de um conjunto amplo de atividades. A OEI é um organismo internacional de cooperação que tem na cultura, na educação e na ciência os seus mandatos institucionais. Ao unir arte, cultura e educação em um só espaço, o MAR se consolida como um ambiente dinâmico e enriquecedor para o público que busca promover experiências enriquecedoras e ampliar os horizontes da arte e da cultura para a sociedade, tornando o MAR um local cada vez mais inclusivo e inspirador.



© Bruno Itan

REVISTA ARTE & ENSAIOS

A revista Arte & Ensaios, criada em 1994 e prestes a publicar o seu número 49, é uma publicação semestral e online vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV-EBA-UFRJ). O periódico é comprometido com a divulgação do pensamento científico da produção historiográfica, artística, crítica e curatorial das artes visuais, em diálogo permanente com áreas transdisciplinares, constituída a partir de pesquisas de autores nacionais e estrangeiros.

A revista destina-se à divulgação de resultados de investigação de pesquisas e reflexões inéditas, em estímulo aos debates artístico-culturais e, no sentido de atualizar a área das artes e suas interfaces. Ao longo da sua trajetória de mais de 3 décadas, reunindo discentes e docentes do PPGAV-EBA-UFRJ na sua produção e também se colocando como uma plataforma de ensino na área da editoração, notabilizou-se por publicar artigos inéditos, entrevistas, traduções, resenhas de livros e exposições e intervenções artísticas que compõem um painel expressivo da produção teórico-prática no campo ampliado das artes visuais.

<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/index>



© divulgação

TRILHOS E TRAÇOS, POTY – 100 ANOS (RETROSPECTIVA/ MUSEU OSCAR NIEMEYER – MON/CURADORIA: MARIA JOSÉ JUSTINO E FABRICIO VAZ NUNES

Em celebração ao centenário do artista curitibano Poty Lazzarotto (1924–1998), a mostra "Trilhos e Traços – Poty 100 anos", realizada pelo Museu Oscar Niemeyer (MON), reúne aproximadamente 500 obras, na Sala 6. A exposição apresenta um recorte da doação de 4,5 mil peças pela família do artista ao Museu, em 2022. Com curadoria de Maria José Justino e Fabricio Vaz Nunes,

a mostra reúne desenhos, gravuras e murais, organizados em torno de nove núcleos temáticos presentes na trajetória artística de Poty, representativos das suas diferentes facetas: o Narrador, o Trabalho, o Xingu, o Sagrado, a Guerra, o Cotidiano, o Viajante, o Muralista e o Retratista.



© Antônio More

ROSANGELA BRITTO

Coordenação do Projeto de Pesquisa e Documentação Museológica do Acervo Artístico do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas (Belém, PA)

Selecionado no Edital Pró-Humanidades/ Chamada 40/2022, do CNPQ, FNDCT, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações do Governo Federal. Conta com o apoio de uma rede de realizadores, que inclui UFPA (ICA, PPGArtes e FAV), UFBA (Departamento de Museologia) e Unama (PPGCLC) e o Governo do Estado do Pará através da Secult (Espaço Cultural Casa das Onze Janelas), consiste em uma estratégia de pesquisa voltada ao acervo artístico e divulgação científica em rede colaborativa, envolvendo pesquisadores das áreas de Museologia, Artes Visuais, Conservação e Multimídia. A partir das áreas da Museologia em interface com as Artes Visuais,

essa rede pesquisou, documentou e preservou onze coleções do acervo de Artes Visuais do museu, num total de 1.087 obras de 440 artistas, sendo elas: Fundo Z, Coleção Diário Contemporâneo de Fotografia, Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), Diô Viana, Fayga Ostrower, Manoel Pastana, Heterodoxia, Banco Central, Gravura no Pará e os acervos Miguel Chikaoka e Luiz Braga.

Metodologicamente, a rede de pesquisadores – que envolve professores da universidade, estudantes bolsistas, gestores e profissionais de museus dos espaços culturais - teve como objetivo diagnosticar a situação do acervo do museu, com foco nas obras e artistas.



© Octavio Cardoso

BRUNA FETTER (RIO DE JANEIRO, 1981. VIVE E TRABALHA EM PORTO ALEGRE)

Professora e pesquisadora do Instituto de Artes da UFRGS, Bruna Fetter é Doutora em História, Teoria e Crítica de Arte pelo PPGAV desta mesma Universidade, onde atua como docente. Vice coordenadora da especialização em Práticas Curatoriais (UFRGS), foi pesquisadora visitante na New York University (2014/2015), possibilitado por bolsa Fulbright. Coordena o grupo de pesquisa Práticas artísticas contemporâneas e suas narrativas de legitimação (<https://www.ufrgs.br/sistemasdaarte/>) e o Nervo Crítico (<https://www.ufrgs.br/nervocritico/>), projeto de extensão universitária voltado à Crítica de Arte na contemporaneidade.

Diretora Cultural da Fundação Vera Chaves Barcellos, é curadora de diversas mostras, sendo as mais recentes "Amazona, ou a dança das resistências" (2024, MACRS), "O pé esquerdo" (2024, Galeria da PBSA), e "Haverá Consequências" (2022, FVCB). Coordenou a equipe de produção executiva da 6ª Bienal do Mercosul. Parte do Comitê de Indicação PIPA 2025, é membro da AICA, ABCA e ANPAP.



© Giovanni Ramos

PRÊMIO YÊDAMARIA (YÊDA MARIA CORRÊA DE OLIVEIRA)

Instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais

O JARDIM MIRIAM ARTE CLUBE (JAMAC)

é um coletivo que se articula a partir de um espaço cultural localizado na zona sul de São Paulo, fundado em 2004 pela artista Mônica Nador. Desde então, vem sendo gerido coletivamente por artistas de diferentes áreas e por educadoras e educadores. Enraizado em práticas comunitárias, o JAMAC articula arte, educação e ativismo social, promovendo ações formativas que cruzam arte e vida, estética e política.

O espaço oferece oficinas, aulas abertas, rodas de conversa e exposições, sempre com foco na cidadania, no direito à cidade, na

justiça ambiental e na memória cultural. Ao longo de sua trajetória, o JAMAC impulsionou o surgimento de outras iniciativas locais e segue atuando em rede com diferentes coletivos e movimentos da periferia sul paulistana.

O JAMAC desenvolve projetos com técnicas variadas como serigrafia, estêncil, gráfica artesanal e cinema, acolhendo processos criativos diversos, sempre gratuitos e abertos ao público. Suas práticas participativas e colaborativas têm contribuído para repensar o espaço urbano como campo de criação compartilhada, resistência e transformação.



© Divulgação

The background of the entire page is a close-up, high-resolution image of a red wood grain. The grain runs diagonally from the top-left towards the bottom-right, with a prominent, dark, wavy line cutting across the middle. The color is a deep, rich red with natural wood textures and variations in tone.

Premiados nos Destaque Regionais

2024

CENTRO-OESTE

Instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais

NAINE TERENA E GUSTAVO CABOCO/CASA VITUKÁ

A Casa Vituká tem raízes na década de 1990, quando Naine Terena [Doutora em educação, mestre em artes, artista-educadora, pesquisadora e curadora], inicia sua vida artística. O quintal dos seus pais Antonio/Anita e da irmã Etane no Bairro Parque Cuiabá – Cuiabá – MT foram solos férteis para um Grupo artístico. Cerca de 30 anos depois, Naine abre a Casa Vítuká no mesmo bairro, num movimento novo que carrega o fim do anterior como inspiração e resistência.

Arte, cultura, educação e formação são chaves para Residências artísticas, ateliês, bate-papos, entre outras ações, emolduradas pela perspectiva da educação indígena trazida por profissionais indígenas que atuam no espaço. O Ponto de Cultura acervo indígena e indigenista também ocupa a Casa, junto com o Ateliê de Gustavo Caboco Wapixana, que agora faz a conexão Curitiba-Roraima-Cuiabá e divide processos de gestão e fortalecimento da Casa Vítuká, com seus Ajuris e experiência de multiartista que já viajou o mundo, como artista-curador.



© Divulgação

VÉIO (CÍCERO ALVES DOS SANTOS)

Nascido em 1948 em Nossa Senhora da Glória, Sergipe, Cícero Alves dos Santos, mais conhecido como Véio, é um ícone da arte popular brasileira e uma figura proeminente na arte contemporânea. Como mestre autodidata na escultura em madeira, seus trabalhos vão além das classificações tradicionais, mesclando a riqueza das expressões tradicionais com um tratamento moderno da escultura.

Véio utiliza troncos, raízes e pedaços de madeira encontrados na natureza, sempre respeitando suas formas e texturas originais. Ele afirma que a madeira já contém as figuras que sua mão deseja revelar. Com ferramentas simples, como um canivete, ele transforma esses materiais em esculturas enigmáticas. Suas obras navegam entre o figurativo e o abstrato, dando vida a seres fantásticos, antropomórficos e híbridos que resgatam tanto memórias coletivas quanto narrativas contemporâneas. Reconhecido tanto no Brasil quanto internacionalmente, Véio ocupa um espaço único no cenário artístico. Suas obras fazem parte de importantes coleções públicas no Brasil e no exterior.



GALERIA JAIDER ESBELL DE ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA, BOA VISTA, RORAIMA

A Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea é um espaço coletivo e independente que serve à produção e circulação de artistas indígenas. Entendendo que a arte pode ser um ponto de encontro vigoroso entre mundos, busca fomentar as iniciativas de artistas indígenas e de suas coletividades, contribuindo com os meios necessários para que transitem com autonomia e protagonismo em diferentes contextos.

Seu trabalho está enraizado na relação direta com diversas comunidades indígenas, sobretudo em Roraima, impulsionando o desenvolvimento de projetos de

arte-educação e fortalecendo suas conexões com outros espaços. Suas ações são direcionadas à valorização dos conhecimentos e das formas expressivas tradicionais e contemporâneas dos povos indígenas. Orienta-se pelo compromisso com os direitos originários e ambientais na estruturação de todas as suas iniciativas, sejam elas exposições, residências, publicações, oficinas de formação, programações educativas, entre outras.

Inaugurada em 2013 por Jaider Esbell, artista e curador do povo Makuxi, a Galeria constitui-se como um espaço importante de articulação da cena cultural de Boa Vista, Roraima, reunindo um dos maiores e mais relevantes acervos de Arte Indígena Contemporânea do país, com obras de artistas de diversos povos no Brasil e nas Américas. A Galeria possui ainda uma rica biblioteca de obras de referência sobre arte, literatura e educação indígenas, além de catálogos de exposições, material audiovisual e documentos relevantes da história da arte indígena. Todo o acervo é aberto para o público e tem acolhido pesquisadores e interessados.



MARCELO CAMPOS

Marcelo Campos nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Professor Associado do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da UERJ. Curador-Chefe do Museu de Arte do Rio. Doutor em Artes Visuais pelo PPGAV da Escola de Belas Artes/ UFRJ. Desenvolveu tese de doutorado sobre o conceito de brasilidade na arte contemporânea. Possui textos publicados sobre arte brasileira em periódicos, livros e catálogos nacionais e internacionais. Em 2023, organizou o livro *Voltaire Fraga: uma Bahia em movimento*. Salvador: P55; em 2016, lançou *Escultura Contemporânea no Brasil: reflexões em dez percursos*. Salvador: Editora Caramurê, incluindo parte significativa da produção moderna e contemporânea brasileira, em um levantamento de mais de 90 artistas. Realiza curadoria de exposições, desde 2004, em diversas instituições no Brasil e no exterior, dentre as quais, destacam-se: *FUNK: um grito de ousadia e liberdade*, Museu de Arte do Rio (MAR), 2023, *Maison Folie*, Lille, França 2025; *Um defeito de Cor*, MAR, 2022; *Sesc Pinheiros*, 2023; *Dos Brasis: arte e pensamento negro*,

SESC Belenzinho, 2023, *Centro Cultural Sesc Quitandinha*, 2024; considerada a maior exposição já realizada no Brasil com artistas afro-brasileiros, contando cerca de 240 artistas. Além das citadas, curou as exposições individuais de Aline Motta, Mulambö, Bqueer, Ayrson Heráclito no Museu de Arte do Rio (MAR). Em 2018, uma grande exposição atualizou o mapeamento da região Nordeste, incluindo pesquisa e trabalho de campo em todos os estados da região, junto com os curadores Clarissa Diniz e Bitú Cassundé, resultando numa mostra de grande porte no Sesc 24 de maio, em São Paulo. Atualmente, coordena pesquisas sobre artistas afrodescendentes no Projeto de extensão, *Arte e Afrobrasilidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*.



© Divulgação

SANDRA MAKOWIECKY

Possui atuação constante na região Sul, como professora, pesquisadora, crítica, curadora, criadora de novos espaços para a difusão das artes visuais e de diálogos entre diferentes sujeitos. Presidente da ABCA - gestão 2022 a 2024, em que deixou como legado a organização plena de documentos e processos, entre outras frentes, ajudando a fortalecer a entidade em diversos âmbitos. Pró- Reitora de Ensino da UDESC e

Coordenadora do Museu da Escola Catarinense, por longos períodos. Possui diversas publicações na área de Artes. Atualmente coordena o Passeio Cultural Primavera. Como destaques recentes: Prêmio Confap de Ciência, Tecnologia e Inovação em 2021 e Prêmio Fritz Muller, pesquisador destaque na área de linguística, Letras e Artes no Estado de Santa Catarina pela FAPESC, no ano de 2022.



© Divulgação

Homenagens

2024

AFONSO MEDEIROS

© Divulgação



Com formação na UFPA, na Shizuoka University e na PUC/SP, Afonso Medeiros vem exercendo a crítica de arte desde 1999, quando seus primeiros artigos foram publicados na Revista de Cultura Vozes. Atento às iconografias das (in)diferenças nos avessos das modernidades, pesquisou o acervo de gravuras japonesas do Instituto Moreira Salles, que resultou em sua tese. Na gestão universitária, foi um dos responsáveis pela criação de graduações e pós-graduações pioneiras no Norte do Brasil. Foi presidente da ANPAP e Vice-Presidente da FAEB. Tem artigos publicados no Japão, na Espanha, em Portugal, na Argentina e no Brasil. Desde 2017 tem se dedicado ao exercício mais fluido da crítica de arte nas redes sociais, angariando repercussões diversas e inusitadas.

GUTO LACAZ

© Edson Kumasaka



Guto Lacaz é arquiteto e artista plástico. Tem mais de cinquenta anos de carreira, marcados por uma rica produção que transita entre o design gráfico, a criação com objetos do cotidiano, a performance, a intervenção urbana e a exploração das possibilidades tecnológicas na arte. Com forte presença no mercado editorial, seja como editor, ilustrador e artista, Guto esteve presente em inúmeras exposições nacionais e internacionais. Ganhou a Bolsa Guggenheim e quatro Prêmios APCA-Associação Paulista de Críticos Teatrais, nas categorias Novas médias, Obra Gráfica, Fronteiras da Arquitetura e Conjunto da Obra. O artista tem uma trajetória singular, marcada pela inventividade, transgressão poética e rigor experimental, contribuindo de maneira decisiva para ampliar os horizontes das artes visuais no Brasil. Sua obra, atravessada por humor, tecnologia e crítica, ocupa um lugar de destaque em nossa história recente e continua a inspirar novas gerações de artistas e pensadores.

JOÃO CANDIDO DA SILVA



© Divulgação

João Candido da Silva (1933) é um artista negro, migrante de Campo Belo (MG), que se estabeleceu no bairro da Casa Verde, em São Paulo, onde vive com filhos e netos. Irmão da reconhecida artista Maria Auxiliadora, integra a célebre Família Silva, referência na arte afro-brasileira. Há mais de 60 anos dedica-se à pintura e à escultura, retratando celebrações e tradições de matrizes africanas e afro-brasileiras.

Nos anos 1960, passou a expor em circuitos populares de São Paulo, como a Praça da República e a Feira de Embu das Artes, ao lado de famílias e nomes históricos como Solano e Raquel Trindade. Apesar de ter trajetória constante em feiras e catálogos internacionais, tornou-se artista em tempo integral apenas após os 70 anos e realizou sua primeira individual aos 90.

Sua obra, profundamente ligada à cidade, desafia o apagamento da presença negra nas artes nacionais e reafirma a memória de milhões de pessoas silenciadas. Em 2024, aos 91 anos, sua trajetória foi celebrada com livro, exposição no Centro Cultural São Paulo e seminário em sua homenagem, consolidando-o como mestre da arte afro-brasileira.

SYLVIA WERNECK



© Helena Marc

Sylvia Werneck é crítica de arte, curadora, professora e pesquisadora de arte contemporânea da América Latina. Membro das Associações Brasileira e Internacional de Críticos de Arte (ABCA e AICA), correspondente da Revista ArtNexus, colunista da babEL, co-fundadora e diretora artística do espaçotempo (Itu) e curadora do Lux Espaço de Arte (São Paulo). É mestre em Estética e História da Arte (PGEHA-USP) e doutora em Comunicação e Cultura (Prolam-USP). Atua como curadora desde 2008, em instituições como MAC-USP, Mariantonia e Oswald de Andrade (SP), Espaço José Lins do Rego (João Pessoa), Caixa Cultural (Brasília), Pinacoteca de SBC, espaços independentes e galerias. Ministra cursos livres, mentorias e residências, e é parecerista. Autora de "De dentro para fora – a memória do local no mundo global" (Ed. Zouk, 2011, Prêmio Publicações sobre Arte da Bienal de São Paulo) e "Pensamentos sobre arte" (Alter Edições, 2023, ProAC 2021).

ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte

A diretoria da ABCA (triênio 2025-2027) é composta por:

Presidente: Alessandra Melo Simões Paiva (BA)

1º. Vice-Presidente: Hécio Magalhães (SP)

2º. Vice-Presidente: Carlos Terra (RJ)

1ª. Secretária: Cristiélen Ribeiro Marques (SP)

2ª. Secretária: Gabriela Abraços (SP)

1ª. Tesoureiro: Alexandre Araujo Bispo (SP)

2ª. Tesoureira: Michele Petry (SC)

Vice-Presidentes Regionais:

Região Norte/Nordeste: Robson Xavier da Costa

Região Centro-Oeste: Ana Lúcia Beck (GO)

Sudeste: Alecsandra Matias de Oliveira (SP)

Sul: Luciane Garcez (SC)

Conselho Fiscal

Titulares:

Luís Sandes (SP)

Francine Goudel (SC)

Emerson César Nascimento (SP)

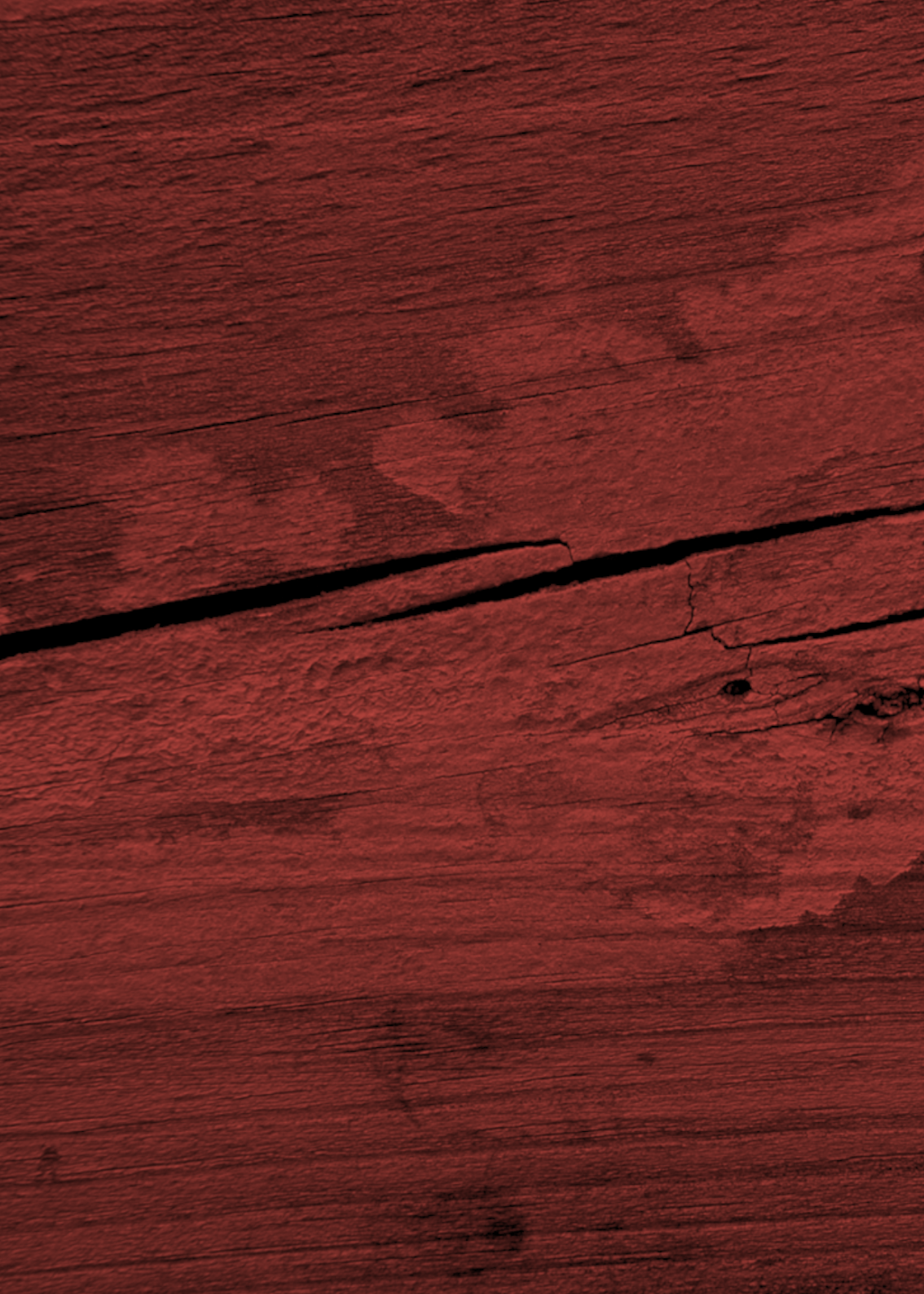
Suplentes:

José Armando Pereira da Silva (SP)

Viviane Baschiroto (SC)

Alexandre Sá Barreto da Paixão (RJ)







<https://abca.art.br>
abca.art.br@gmail.com
<https://abca.art.br/abca-informa/>
<https://www.instagram.com/abca.oficial/>
<https://www.facebook.com/abca.art>

Dia 9 de setembro de 2025

Terça, às 19h

Sesc Vila Mariana

Rua Pelotas, 141

CEP 04012-000

TEL.: 11 5080-3000

sescsp.org.br

Realização:

abca

Associação Brasileira
de Críticos de Arte

Apoio:

Sesc